

O CAMINHO DO OLHAR



“Sua visão se tornará clara somente quando você olhar para dentro do seu coração. Quem olha para fora, sonha. Quem olha para dentro, acorda.” Carl Jung

Este trabalho é o início de uma caminhada, como mostra esta imagem acima, um ensaio e alguns recortes de um tema que sempre quis pesquisar e escrever, os caminhos do olhar.

O olhar foi um norteador no meu percurso de vida familiar e profissional. O olhar carinhoso e sempre presente dos meus pais, o meu olhar sobre minha caminhada profissional e os olhares que me cativaram. Ao longo de minha história profissional como professora, primeiramente, alfabetizadora, o olhar sobre os alunos era uma constante, pois a busca do saber é algo que tem que ser percebido através das várias formas de ensinar, mas principalmente numa aprendizagem significativa. Quando comecei a receber alunos de inclusão numa classe de alfabetização, percebi que precisava olhar estes alunos de outra forma, mas como? Meu olhar se voltou a estudos, questionamentos, enfim, tornou-se angustiado e perdido. Quando procurei olhar estes sujeitos sem isolá-los do contexto de sala de aula e vê-los como sujeitos com capacidades e jeitos diferentes de aprender, comecei a criar estratégias de trabalho onde não só eles foram beneficiados, como toda a turma. Fazê-los buscar o desejo de aprender. Pude ver através das diferenças a singularidade de cada um, sujeitos com formas próprias de se comunicar e aprender.

Este outro, que convive comigo e que de mim busca o saber, era quem iria trocar saberes comigo, significando toda a minha caminhada como professora, fazendo com que meu olhar se voltasse ao ser que havia dentro de cada um.

Hoje no trabalho com adolescentes o meu olhar com o Ensino da Arte, faz diferença. Ver, analisar, traduzir e comunicar se utilizando das várias linguagens que arte tem é uma forma de dar significado e perceber o mundo. Quando olho, aprendo a ver e o trabalho com a arte nos permite isso, ver o que está além do visto e dar um significado para o olhar. No momento que eu dou um significado pro meu ver, eu vou adiante, buscando novos olhares, novos sonhos e novos caminhos.

No pensamento de Jung podemos ver o quanto sonhamos e pouco olhamos para dentro de nós mesmos. Sonhar, seguir o caminho do sonho é fácil. Olhar para dentro de nós mesmos e buscar outros caminhos é que é dolorido, é um caminho solitário, mas necessário.

Este caminho já se inicia quando somos apresentados ao mundo através do olhar carinhoso e amável da mãe, constituinte do ser. Quando olhados amorosamente, nos sentimos seguros. A mãe ao amamentar, embalar e cantar deixa impressões eternas dos afetos que são transmitidos nestes momentos. Nos vemos neste outro e vamos aí nos estruturando como sujeitos. É no momento do encontro que se estabelece o fora e este fora vai criar impressões/traços de um dentro.

A medida que crescemos vamos procurando no outro o que perdemos, a castração, a busca do falo.

Se instala aí o desejo que se cria pela falta. A medida que o objeto não existe o desejo tenta trazer este outro para o lugar do objeto que vai sempre faltar. Somos sujeitos de falta. Nossa busca é constante e o olhar nos acompanha.

Quando penso no olhar, me pergunto: Como eu vejo o que está fora de mim, como eu sou visto e como eu vejo o que está dentro de mim. Qual o significado do olhar? Como compreendo o mundo através do olhar?

Na arte se transfere o foco do olhar de si para a imagem e deixamos que ela nos mostre suas verdades. Quais são as nossas verdades? Quando olhamos uma pintura basta deixar que os olhos cumpram sua função. O cérebro completa a tarefa de decodificar a imagem tornando-a reconhecível à consciência.

O olhar provoca no corpo um entrelaçamento de sentidos, percepções e consciência. Pensando nisso este olhar não apenas vê, ele olha, toca, sente e compreende o mundo, busca significados.

Buscando significados através do olhar, sou um eu carregado de vivências culturais, intelectuais e sociais a observar um mundo que está em torno de mim e não diante de mim. (ARAÚJO, 2007, p.17)

Na nossa caminhada como sujeitos num mundo em movimento, não escolhemos muito o que olhar, simplesmente olhamos e somos olhados. Nossas escolhas vêm a partir das relações que se estabelecem a partir deste olhar. Este movimento é um caminho, um possível caminho, para a compreensão do outro, do eu e do mundo.

Vivemos num mundo contemporâneo onde tudo pode ser olhado, as imagens são muito rápidas, nos permitindo olhar somente com o olho físico, captando estímulos da cor, movimento e pouca significação, provocando uma superficialidade do olhar. Sendo superficiais, não percebemos mais o mundo e nós mesmos. Falta-nos o tempo e o espaço para olhar as coisas, e olhar, em primeira estância é perceber.

Precisamos da percepção para desenvolver nossas capacidades humanas. É com ela que nos situamos, que nos relacionamos, que refletimos, que sentimos, ou seja, que compreendemos quem somos e o mundo que nos cerca. (ARAÚJO, 2007, p. 21)

É preciso pensar a percepção visual como movimento pessoal. Como o “movimento primordial” que situa o ser no mundo, o qual, além de ser um reflexo involuntário e orgânico, é grávido do sentir e do pensar, do ser e do mundo que o cerca. Que coloca o sujeito na “encruzilhada” de si próprio. (ARAÚJO, 2007, p.22)

Nesta encruzilhada em que me deparo comigo mesmo, com sentimentos e sensações que não sei traduzir é quando paro e olho para dentro de mim, procurando este outro que nada mais é do que aquele guardião de lembranças, alegrias, traumas e tristezas, o inconsciente é onde descubro a psicanálise.

Para Freud o olhar significou toda sua caminhada rumo à construção da psicanálise. Foi um olhar inquieto, investigativo, científico e profundo que fez com que a psicanálise tomasse corpo.

Na análise, estar no divã é onde teu olhar se direciona para ti mesmo. No momento que olho para mim mesmo procuro descobrir quem eu sou. Esta é a magia do olhar. O significado do olhar é quando eu olho para dentro de mim mesmo, decifro lembranças e significo meu viver.

Nasio, 1995, nos diz que na experiência da análise no dispositivo analítico, não se vê, mas se olha, e esses são momentos muito presentes na prática analista.

No momento que o paciente deita no divã, é quando ele se curva para dentro de si mesmo direcionando seu olhar para si e não para o analista, que o olha através das reações de seu corpo, que também fala. “As vezes é importante que o analista veja o corpo do paciente, como se comporta, como mexe a cabeça, se está ou não chorando, ou até mesmo seu silêncio” (Nasio, 1995, p.14)

Para um oftalmologista ver é ver o mundo que está diante de nós, e olhar é fixar num detalhe, num aspecto particular daquilo que estamos vendo.

Para a psicanálise, ver não é olhar...: é preciso que a visão seja excluída do espaço da sessão analítica para que o olhar tenha maior potência, para que o olhar seja um olhar forte e poderoso. ...a cegueira parcial dos olhos, provocados pela posição estendida do divã, contrasta com a luminosidade psíquica de um olhar inconsciente, irradiante, e esse olhar inconsciente está no núcleo de muitas das manifestações clínicas que conhecemos, como por exemplo, as fantasias, a lembrança encobridora, o já-visto, a cegueira histérica, os atos perversos ou a alucinação visual.(NASIO, 1995, p.14)

É despir-se de uma visão espacial para deixar que surja o olhar inconsciente, aquele que, segundo Freud aparece como uma ação, energia, satisfação ou seja, o olhar como objeto da pulsão.

O olhar para o analista surge no momento que ele escuta o paciente. Ao ouvir suas palavras, às vezes seu silêncio, transforma esta fala em imagem que condensa de maneira compacta a significação inconsciente do que foi ouvido. (NASIO, 1995, p.17)

Quinet faz uma releitura em textos filosóficos e psicanalíticos procurando um conceito para o olhar e discorre sobre a divisão entre visão e olhar em Platão: “a visão está do lado dos simulacros, dos corpos, dos objetos, dos artefatos e até dos objetos matemáticos. Mas, lá onde falha a visão, no domínio das idéias, lá emerge o olhar, a *theoria*. E a atividade do filósofo é *théorein*, contemplar, examinar, observar, meditar – em que o olhar se torna causa do saber” (QUINET, 2002).

Uma década antes de *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan dizia em seu Seminário que o “olhar não se situa simplesmente ao nível dos olhos. Os olhos podem muito bem não aparecer, estar mascarados. O olhar não é forçosamente a face do nosso semelhante, mas também a janela atrás da qual supomos que ele nos espia. (QUINET, 2002, p.40)

O olhar que discorre aqui não é o olhar do sujeito e sim um olhar invisível, pulsional que recai sobre o sujeito.

Segundo Quinet, o olhar é um objeto apagado do mundo da nossa percepção, que não deixa de nos afetar. Sendo o olhar, excluído da visão, a pulsão está na base do “dar-a-ver” do sujeito, sendo afetado através de um olhar que o objetiva.

Quando este olhar não produz significados e torna-se ausente no desenvolvimento do sujeito se instala aí uma patologia.

De acordo com Winnicott, “A criação da comunicação significativa se dá pela troca de olhares ou pela experiência da mutualidade.”

O olhar como linguagem é fundante da constituição psíquica e por isso essencial para a formação de uma imagem corporal, fundadora de sua unidade.

“O que encontramos no espelho só se sustenta no que podemos reencontrar no olhar daqueles que nos amam”. (LAZNIK, 2004, p.45)

Uma das patologias que me chamaram a atenção pela falha no olhar é o Autismo.

a este tempo particular de reconhecimento pelo Outro da imagem especular, este momento onde a criança se vira para o adulto que a sustenta, que a carrega e pede-lhe uma confirmação, pelo olhar, do que ele percebe no espelho como uma assunção de uma imagem, de um domínio ainda não conquistado. Se este momento da relação jubilatória à imagem no espelho é crucial, é porque é ela que vai dar ao bebê seu sentimento de unidade, sua imagem corporal, base de sua relação com os outros, seus semelhantes. (LAZNIK, 2004, p. 25)

O olhar dos pais é constituinte para o bebê, não é o mesmo que ver é um olhar como investimento libidinal. Um olhar que permite a mãe escutar além de um simples balbuciar. Segundo Laznik, este olhar é o que funda a constituição da imagem do corpo e da relação com o outro. O não-olhar assinala o perigo de problemas precoces na relação com o Outro.

O olhar se opõe a visão em sua relação à noção de presença. Esta presença pode ser significada pelos dois globos oculares em minha direção, caso em que o olho seria mais signo de um investimento libidinal do que órgão responsável pela visão.

O aparecimento tanto de traços como de quadros autistas está intimamente vinculado ao desequilíbrio do encontro do agente materno com a criança. Sendo que este equilíbrio depende, por um lado, do status psíquico deste agente e, por outro lado, das condições constitucionais da criança para se apropriar dos registros imaginário/simbólico que entram no jogo do vínculo. (JERUSALINSKY, 2012, p.56)

Nestes meus recortes cada vez mais o significado do olhar foi entrando em áreas importantes no desenvolvimento do sujeito e percebo que é uma pesquisa inacabada. Penso em aprofundá-la dentro das patologias e sintomas contemporâneos que transcorrem a partir da falha no olhar.

A busca de um olhar referência se faz necessário, a contemporaneidade já nos levou para longe de nós mesmos, precisamos voltar nosso olhar para aquela criança que foi olhada e se constituiu como sujeito e que cresceu vendo um mundo colorido e que agora busca pintar novamente seu cenário de vida com as cores do Amor e da significação.

O caminho é sinuoso e longo, mas sei que cada vez que olhar de fora para dentro, verdades vou encontrar e novas respostas terei que procurar.

REFERÊNCIA:

ARAÚJO, Anna Rita F. de. *Encruzilhadas do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007.

QUINET, Antonio. *Um olhar a mais – ver e ser visto na psicanálise*. RJ. Ed. Zahar, 2002.

LAZNIK, Marie-Christine. *A voz da Sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador. Ed. Agalma, 2004.

JERUSALINSKY, Alfredo. *Psicanálise e Autism*. SP. Ed. Language, 2012.

NASIO, Juan-David. *O olhar em Psicanálise*. RJ. Ed. Zahar, 1995.